



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-INGLÊS**

ALBERTO NASCIMENTO NEVES DA SILVA

EU E O OUTRO: UMA LEITURA DE *O SOL É PARA TODOS*, DE HARPER LEE

**GUARABIRA
2022**

ALBERTO NASCIMENTO NEVES DA SILVA

EU E O OUTRO: UMA LEITURA DE *O SOL É PARA TODOS*, DE HARPER LEE

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Inglesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras-inglês.

Área de concentração: Literatura norte-americana.

Orientador: Prof. Me. Jenison Alisson dos Sontos

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Alberto Nascimento Neves da.
Eu e o outro [manuscrito] : uma leitura de O Sol é para todos, de Harper Lee / Alberto Nascimento Neves da Silva. - 2022.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Prof. Me. Jenison Alisson dos Santos, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura norte-americana. 2. O sol é para todos. 3. Alteridade. 4. Racismo. I. Título

21. ed. CDD 810

ALBERTO NASCIMENTO NEVES DA SILVA

EU E O OUTRO: UMA LEITURA DE O SOL É PARA TODOS, DE HARPER LEE

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Inglesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras.

Área de concentração: Literatura norte-americana.

Aprovado em: 31/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



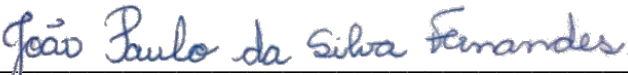
Prof. Me. Jenison Alisson dos Santos (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr. João Paulo da Silva Fernandes

Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

“Ser livre não é apenas quebrar as próprias correntes, mas viver de uma maneira que respeite e aumente a liberdade dos outros.” – Nelson Mandela

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	10
3 EU E O OUTRO EM O SOL É PARA TODOS.....	13
3.1 Família Finch.....	17
4 CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

EU E O OUTRO: UMA LEITURA DE *O SOL É PARA TODOS*, DE HARPER LEE

SELF AND THE OTHER: A READING OF *TO KILL A MOCKINGBIRD*, BY HARPER LEE

Alberto Nascimento Neves da Silva¹

RESUMO

O romance *O sol é para todos*, escrito pela norte-americana Harper Lee, foi publicado pela primeira vez em 1960. A narrativa centraliza a história da família Finch que são Atticus, Scout e Jem e também os personagens Tom Robinson e Calpúrnia, em uma pequena cidade no sul dos Estados Unidos e ao longo da narrativa, nos deparamos com ocorrências de discriminação racial. A partir dessa perspectiva objetivamos estudar a relação entre o eu e o outro na alteridade, bem como analisar o racismo jurídico e o comportamento entre as pessoas negras e brancas e averiguar como se dava o relacionamento da família Finch com a população negra, principalmente no caso de Tom. Essa pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico. Para discutirmos sobre alteridade recorreremos a estudos de Neto e Kozicki (2008); Gusmão (1999). Com isso, tentamos exemplificar o comportamento dos personagens a partir da perspectiva da alteridade diante do racismo.

Palavras-chave: Literatura norte-americana. *O sol é para todos*. Alteridade. Racismo.

ABSTRACT

The novel *To Kill a Mockingbird*², the narrative centralizes the story of the Finch family who are Atticus, Scout and Jem and also the characters Tom Robinson and Calpúrnia, in a small town in the south of the United States and throughout the narrative, we come across occurrences of racial discrimination. From this perspective we aimed to study the relationship between the Self and the Other in the alterity, as well as to analyze the legal racism and the behavior between black and white people and to investigate how the relationship of the Finch family with the black population was, especially in Tom's case. This research was conducted from a qualitative approach, of bibliographical nature. To discuss alterity we resorted to studies by Neto and Kozicki (2008) and Gusmão (1999). With that, we try to exemplify the characters' behavior from the perspective of alterity in the face of racism.

Keywords: American literature. *To kill a mockingbird*. Alterity. Racism.

¹ Graduando do Curso de Letras-inglês da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, alberto.silva@aluno.uepb.edu.br.

² *To Kill a Mockingbird*, título original em inglês.

1 INTRODUÇÃO

A literatura, por mais que não tenha a obrigatoriedade de ser útil, ela pode se mostrar funcional perante a sociedade - como se pudesse, através das palavras mostrar o reflexo da humanidade sem nenhum temor. Consegue mostrar a beleza e a fealdade do mundo ao mesmo tempo que entretém. Ela consegue dizer o que é obvio de um jeito que parece inédito e, assim, nos faz pensar e até pode nos fazer evoluir enquanto sujeitos. A literatura, conseqüentemente, possui uma forte ligação com o contexto social, cultural e histórico em que ela foi produzida. (CANDIDO, 2006, p.4).

Na obra escrita por Harper Lee, *O sol é para todos*, publicado pela primeira vez em 1960, é possível identificar algumas similaridades entre a vida da autora e a obra. A história se passa no estado americano do Alabama, no qual a autora nasceu e viveu boa parte de sua vida. A narrativa é marcada por uma ambientação jurídica, como na vida de Lee que se formou em Direito na universidade do Alabama.

O livro mostra como se dava o relacionamento entre as pessoas pretas e as pessoas brancas no interior do estado, a partir de um núcleo predominante de personagens brancos. Visto que os negros com voz ativa e destaque no enredo são uma minoria, acreditamos que um dos motivos para a autora escrever assim, é para que fosse mais semelhante à realidade, diferente de livros escritos por autores negros.

A narrativa apresenta diversas formas de racismo, destacando-se no âmbito jurídico no caso de Tom Robinson. Na narrativa, também é nos apresentado negros que são colocados em lugar de inferioridade, exceto na relação com a governanta Calpúrnia. Tudo isso através do olhar infantil da Scout Finch, como narradora e personagem.

Ao longo do enredo, o foco recai sobre aprender e mudar. Os personagens adultos desempenham um papel de professores para com os personagens infantis, ensinando sobre como viver bem com todos, não fechando os olhos e fingindo que nada disso existe, mas encarando e enfrentando para que aconteça uma mudança significativa. Atticus, como homem branco, demonstra com seus discursos e atitudes que pode e deve existir uma conduta entre brancos e pretos. Atticus exterioriza que o racismo não um atributo inexorável, que todo branco deve nascer e morrer racista. Todos podem e estão sujeitos à mudança.

Calpúrnia, como mulher negra, ensina com suas cicatrizes as terríveis consequências que a injúria racial pode trazer sobre uma pessoa negra. A personagem com toda sua sabedoria, usa de sua influência para mudar as novas gerações de futuros adultos para que não sejam como seus antepassados, que abram os olhos para ver o outro e o aceitar e respeitar sem distinção.

Os personagens infantis, Jem e Scout, podem representar a mudança: no decorrer de cada página eles vão progredindo, visto que por serem crianças, podem estar mais abertos as mudanças. Os personagens, ao final da narrativa terminam diferentes do início, como consequência de tudo vivenciaram e escutaram de Calpúrnia, Atticus e outros personagens.

A alteridade presente na obra se manifesta na forma da coletividade, quando é exposto que todos juntos vivendo em harmonia é melhor do que o eu solitário ou em grupos radicais que preferem não se misturar com o outro que é diferente. Como afirma Woodward (2000, p. 9): “a diferença é sustentada pela exclusão”. Quando as pessoas se dividem em ‘bolhas’ sociais determinadas por suas particularidades, a alteridade é deixada de lado, pois para alteridade existe apenas uma enorme bolha, na qual todas as pessoas estão inseridas, junto com as suas inúmeras diferenças, sem excluir nenhuma. Todos compartilham suas diferenças e assim se tornam convergentes.

Nesse trabalho, que utiliza uma abordagem qualitativa, a qual “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito...” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 45), na qual expressamos nossa subjetividade. Pretendemos apresentar conseqüentemente os propostos a partir de uma pesquisa exploratória, de caráter bibliográfico, que se dá “quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, disponibilizado na Internet”. (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 45).

Ao analisar a obra *O sol é para todos*, utilizamos material teórico e crítico advindos dos estudiosos Gusmão (1999), Neto e Kozicki (2008), para embasar as analogias acerca da alteridade presente na obra.

Desse modo, o nosso objetivo geral busca analisar os conceitos de alteridade demonstradas pela família Finch diante dos episódios de racismo no romance e investigar as possíveis razões pelas quais eles respeitavam e defendiam os direitos das pessoas negras. Por fim, buscar compreender que a alteridade e o racismo

estabelecem diálogos na narrativa de Harper Lee inquietações capazes de promover a consciência e mudança de comportamento dos sujeitos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

A palavra alteridade, que tem sua origem do latim *alteritas*³, que seu radical *alter* significa “outro”, não é uma palavra que se faz presente em nosso vocabulário diário, entretanto sempre esteve presente nas nossas relações socioculturais. Antes de nos aprofundarmos, vejamos como o dicionário define esse vocábulo: “caráter ou estado do que é diferente, distinto, que é outro. Que se opõe à identidade, ao que é próprio e particular; que enxerga o outro, como um ser distinto, diferente” (HOLANDA, 2004, p. 71).

Na alteridade o outro é importante e necessário exatamente como ele é, como afirma Haddock (2006), “A alteridade não é apenas uma qualidade do outro, é sua realidade, sua instância, a verdade do seu ser e, por isso, para nós, torna-se muito fácil uma permanência na coletividade e na camaradagem [...]” (HADDOCK-LOBO, 2006. p. 48). Na relação com o outro, a sua cultura, costumes, gostos e todas as suas características não são invisíveis ou inúteis, diante da alteridade.

Ao refletir acerca do eu e do outro, precisamos entender quem são estes. Para Gusmão (1999, p. 44,45), O eu é o indivíduo, a identidade dominante onde o pensamento está centrado. O outro é algo externo ao eu, que pode ser próximo ou distante e que o eu não domina. “O outro hoje, é próximo e familiar, mas não necessariamente é nosso conhecido” (GUSMÃO, 1999, p. 45). Entendemos que o outro são aqueles que interagem diretamente ou indiretamente com eu. Que pode ser algum membro da família, amigo, colega, vizinho, chefe, um estrangeiro, e assim por diante.

Continuando a discussão, o eu e o outro são diferentes em decorrer de múltiplas questões sociais e culturais, como diz Gusmão (1999),

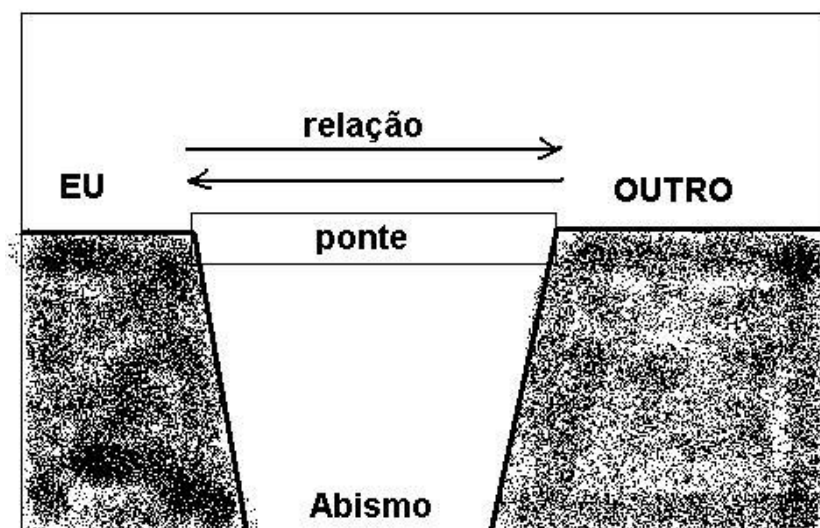
[...] que a cultura e a alteridade revelam muitas linguagens presentes no social, mas que se fazem invisíveis aos olhos e ouvidos, dado que nossa percepção encontra-se cativa de nosso pensar por princípios e valores de nossa cultura, tidos por nós como universais, verdadeiros, legítimos e únicos. (GUSMÃO, 1999, p. 42)

³ <https://www.dicio.com.br/>

Quando o eu enxerga as diferenças do outro como algo a parte que não lhe pertence, a alteridade não está sendo exercida; deve-se haver um relacionamento mútuo, onde ambos precisam estar em constante troca para que se tornem completos. Mesmo que as convicções sejam distintas, assim como Gusmão (1999) diz:

O desafio da alteridade é, assim, mais contundente agora do que no passado, em que a imposição pela força era suficiente para definir hierarquias e papéis, subjugando em nome de princípios científicos, morais e religiosos (GUSMÃO, 1999, p. 45)

O eu presenteia o outro com uma resposta a ação realizada, pode ser negativa ou positiva, especialmente porque é graças a essa visão diferenciada que o Eu tem do Outro que tensões são criadas e exponenciadas dentro da sociedade.



(Figura 1: ⁴relação entre o eu e a alteridade)

Na relação entre o eu e outro podem existir fatores que perpetuam em um desequilíbrio. Isso se dá quando o eu enxerga as diferenças como barreiras ou abismos; e não como pontes interligando mundos. O eu e o outro estão em diferentes posições que podem ser contrárias e diante disso deve-se haver uma relação de troca mútua - Onde o eu e suas peculiaridades afetam o outro e vice-versa, já que esse comportamento entre ambos pode ser positivo ou negativo. (Figura 1).

A partir do momento que o eu reage às particularidades do outro de forma contraditória e pejorativa, temos um forte abalo que acaba por formar rachaduras em

⁴ <https://sarauparatodos.wordpress.com/2016/03/21/alteridade/>

um relacionamento que deveria ser uniforme e resistente. E quando um eu em particular, que vê as diferenças dessa forma, acaba se deparando com um outro com a cultura, crença, orientação sexual, raça, cor e outros aspectos sociais diferentes da sua realidade, ele possivelmente não vai permitir que ocorra a alteridade que é justamente aceitar o outro como ele é e assim relacionar-se harmonicamente em meio as suas particularidades.

Em um mundo onde existem bilhões de outros - cada um com suas diferenças -, não é difícil encontrar algum eu que não se permita utilizar-se da alteridade, reagindo às diferenças com aversão e discriminação. Sobre essa temática Neto e Kozicki (2008) afirmam:

Acreditamos que a melhor forma de buscar uma nova articulação de forças no cenário global (e, conseqüentemente, mais eficácia à proteção dos direitos humanos) seja mediante a compreensão e o respeito ao outro, ao mesmo tempo em que a alteridade seja tomada efetivamente como pressuposto de (re)organização das relações humanas. A compreensão do outro não apenas leva ao reconhecimento de que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas evita a arrogância racial, cultural, econômica, política e religiosa..." (NETO e KOZICKI, 2008, p. 78)

Como podemos perceber, na alteridade as relações não acontecem apenas pela igualdade ou o que se tem em comum, mas também e principalmente pelas diferenças. Em um mundo tão miscigenado não se vão faltar pessoas com particularidades distintas nas mais diversas áreas como: pretos, brancos, amarelos, LGBTQIA+, heterossexuais, imigrantes, nativos, pobres, ricos, protestantes, judeus, muçulmanos, pessoas com deficiência, entre outros.

O racismo sofrido pelas pessoas afrodescendentes é um exemplo da falta de alteridade. Isso pode ocorrer a partir do momento em que o eu vê as diferenças das pessoas pretas como um problema e coloca o seu eu como superior e com isso acabam usando de justificativa para desencadear um comportamento hostil.

Diante de tudo isso, percebemos que o romance *O sol é para todos*, consegue diluir todas essas questões acerca do comportamento entre o eu e o outro, por tratar de assuntos como o racismo. Na narrativa a relação entre o eu e o outro é exemplificada e como tal relação afeta os indivíduos envolvidos.

3 EU E O OUTRO EM O SOL É PARA TODOS

A escritora norte-americana Harper Lee (1926 - 2016) é conhecida mundialmente e vencedora do Prêmio Pulitzer de Ficção em 1961 pela publicação da obra *O sol é para todos*. Esse romance que se popularizou rapidamente nos Estados Unidos e no mundo em meados do século XX devido ao seu posicionamento contrário ao racismo, tendo em vista que a comunidade afrodescendente do país estava no auge da luta contra a segregação racial. Esse movimento chegou ao fim em 1964 pela oficialização da Lei Civil que deu direito aos pretos de frequentar os mesmos ambientes que os brancos (ANSA BRASIL, 2014).

A narrativa se passa no sul dos Estados Unidos, no estado do Alabama - onde a autora nasceu e se formou em Direito na Universidade do Alabama. Os estados sulistas dos Estados Unidos são conhecidos por ser uma região com ideologias racistas até hoje; em diversos livros de escritoras afro-americanas relatam em suas histórias como é forte a discriminação racial nessa região, como por exemplo: *O olho mais azul* de Toni Morrison (1970), *Push*, de Sapphire (1966) e *A cor purpura* de Alice Walker (1982), que em sua sinopse da edição de 1986 diz que “[...] Uma mulher, negra e quase analfabeta, vivendo nos campos ensolarados do sul dos Estados Unidos, onde a opressão é tão certa quanto a pobreza e o desamor.” (WALKER, 1982, p. 322). Podemos entender também que a obra, por se passar no sul, é intencional por conta de toda represália que a comunidade negra sofreu e ser berço dos movimentos contra a segregação racial.

O romance *O sol é para todos*, narrado em primeira pessoa por Scout Finch, que também é uma das protagonistas, fala sobre sua vida e de sua família em uma pequena cidade chamada Maycomb, no sul dos Estados Unidos a partir do ano de 1930. Scout mora com seu pai, Atticus Finch, que é advogado e seu irmão mais velho Jem Finch. Também está na casa Calpúrnica, onde exerce o papel de governanta e cuidadora das crianças.

O livro é dividido em 31 capítulos e também em duas partes: na parte I, que vai até o capítulo onze, é narrado por Scout a sua rotina, a da sua família e vizinhança. Nessa primeira parte ela apresenta como eram os costumes e atividades dos moradores de Maycomb. Como podemos perceber na seguinte citação:

Um dia de manhã cedo, quando estávamos começando a brincar no quintal, Jem e eu ouvimos um barulho no canteiro de couve da srta. Rachel Haverford, nossa vizinha. Fomos até a cerca de arame para ver se era um

filhote (a terrier da srta. Rachel estava prenhe) e em vez disso encontramos um garoto sentado, olhando para nós. (LEE, 2020, p. 15).

O capítulo doze dá início da parte II do livro e um dos fatos que percorre a narrativa é de um homem negro chamado Tom Robinson que é detido injustamente após ser acusado de estupro. Isso causa um grande alvoroço na cidade, visto que a maioria se posiciona contra Tom por ser negro e pobre. Esse caso chega até Atticus, onde é escalado para defendê-lo. Assim como mostra a citação:

— Ah, não, Atticus Finch lê muito, é um homem muito instruído — disse outro.

— Lê mesmo, é só o que faz — disse outro. Todos deram risadinhas.

— Billy, deixa eu te dizer uma coisa: foi o tribunal que o designou para fazer a defesa desse preto — disse um terceiro.

— Sim, mas ele realmente quer defender esse homem. É isso que não me agrada. (LEE, 2020, p. 204).

Todo o livro relata o comportamento dos moradores da cidade, diante tudo o que está acontecendo, principalmente como isso afeta o acusado Tom Robinson, juntamente com aqueles que decidem ficar do seu lado. Tom é casado e tem filhos, juntos moram em uma parte da cidade que não é bem vista pelas as pessoas brancas de alto poder aquisitivo.

O romance faz diversos relatos acerca do racismo, no qual vamos perceber a partir do tema principal da obra que é justamente o racismo estrutural existente na cidade de Maycomb, onde as pessoas negras são julgadas de forma diferente das pessoas brancas.

Nas primeiras páginas da obra, Scout explana sobre algo que ocorreu com um dos integrantes da uma importante família branca, conhecidos como os Radley. O caçula da família se envolveu com uma gangue desordeira, onde “eram advertidos assunto na cidade e foram advertidos publicamente nos três púlpitos.” (LEE, 2020, p. 19), mas nenhuma pessoa da cidade jamais foi dizer qualquer coisa à sr. Radley sobre o assunto. Em uma determinada ocasião, nos é narrado que:

Certa noite, após beber bastante, os garotos pegaram um calhambeque emprestado e ficaram dando voltas na praça. Receberam voz de prisão do sr. Conner, o velho oficial de justiça de Maycomb, mas resistiram e ainda o trancaram no banheiro do tribunal. A cidade então decidiu que alguma providência precisava ser tomada; o sr. Conner disse que reconheceu cada um deles e estava determinado a não deixar aquilo passar em branco. Então, os rapazes foram levados diante do juiz, acusados de perturbação da ordem e da paz, agressão e uso abusivo de linguagem profana na presença de senhoras. (LEE, 2020, p. 19)

O jovem Radley e os outros foram detidos em flagrante mesmo com resistência, a cidade em acordo decidiu que alguma coisa havia de ser feito e então foram levados a presença do juiz, sob a acusação “de perturbação da ordem e da paz, agressão e uso abusivo de linguagem profana” (LEE, 2020, p. 19). Diante de tais acusações, a decisão do juiz foi, “[...] mandar rapazes para a escola industrial do estado, para onde outros jovens às vezes eram enviados com a única finalidade de dar-lhes comida e um teto decente: não se tratava de uma prisão [...]” (LEE, 2020, p. 15). Os jovens brancos, mesmo sendo pegos em flagrantes e detidos, não sofrem uma pena equivalente pelos crimes que cometeram.

Como podemos perceber, os garotos obtiveram um lisonjeado privilégio diante do que tinham feito, mas o sr. Radley em uma simples conversa com o juiz ficou acordado que não seriam necessárias tais medidas serem cabidas, pois o próprio revolveria como achasse melhor. “Como sabia que o sr. Radley era um homem de palavra, o juiz aceitou a proposta de bom grado.” (LEE, 2020, p. 19).

Um singelo acordo de cavalheiros foi o bastante para o juiz voltar atrás no que tinha decidido, mas no decorrer do romance, precisamente a partir da parte II, temos outro caso jurídico com um cenário completamente diferente. Não eram todos os moradores daquela cidade tiveram a mesma sorte de serem julgados da mesma maneira.

No julgamento de Tom Robinson toda a trama foi significativamente desigual: Tom estava sendo acusado injustamente de ter violentado sexualmente Mayella Ewell, uma jovem branca de 19 anos que morava no subúrbio do condado de Maycomb. Toda a população branca estava inconformada e por causa disso Tom foi “preso e colocado na cadeia...”. (LEE, 2020, p. 157). Tom não teve as mesmas oportunidades que o jovem Radley e seus amigos tiveram, visto que o mesmo foi imediatamente preso enquanto esperava seu julgamento. Em nenhum momento o juiz considerou dar a mesma sentença que foi dada ao grupo de jovens brancos a Tom Robinson.

Desde que Atticus aceitou representar Tom Robinson, ele próprio e seus filhos Jem e Scout começaram a ser alvos de represálias pelos moradores da cidade e pela própria família. Francis Finch, sobrinho de Atticus diz o seguinte aos primos: “- É isso mesmo. Vovó diz que não basta vocês serem criados por aí, agora ele também virou amigos dos pretos e nunca mais vamos poder andar pelas ruas de

Maycomb. Ele está simplesmente arruinando a nossa família...” (LEE, 2020, p. 110).
Igualmente ruas a população continuava enfurecida:

- Mas noite passada ele queria bater em você.
Atticus pousou o garfo ao lado da faca e afastou o prato.
- No fundo, o sr. Cunningham é uma boa pessoa. Só que tem alguns defeitos, como todos nós.
Jem se manifestou.
- Eu não chamaria aquilo de defeito. Ontem á noite ele foi lá disposto a matar você. (LEE, 2020, p. 197)

Essa repercussão não estava apenas acontecendo pela acusação de estupro, mas por Tom ser negro e Atticus não se opor a fazer a defesa: “[...] foi o tribunal que o designou para fazer a defesa desse preto – disse um terceiro. – Sim, mas ele realmente quer defender esse homem. É isso que não me agrada.” (LEE, 2020, p. 204). Atticus não conseguia ver a cor da pele de Tom como um motivo para recusar o caso, sendo que o próprio acreditava na inocência de Tom. Porém, sabia que jamais seria inocentado pelo júri, mesmo sendo inocente.

A maioria das pessoas daquela cidade, ao olhar para Tom, apenas enxergava aquilo que queriam ver: um homem negro e pobre, que paras elas era o que bastava para o declarar culpado, mesmo “... sem nenhuma prova comprobatória, este homem foi processado e pode ser condenado à pena capital e perder a vida” (LEE, 2020, p. 252).

Atticus, Jem e Scout também enxergavam a pele negra de Tom, de uma forma diferente que os outros brancos daquela cidade enxergavam. A afrodescendência de Tom não era algo ruim ou que fizesse dele ser uma pessoa ruim na visão deles, a diferença de Tom não era um problema, Atticus diz o seguinte no tribunal em defesa de Tom:

- E assim, um negro calmo, respeitável, humilde, que cometeu a imperdoável temeridade de ‘ter pena’ de uma mulher branca, tem que colocar sua palavra de honra contra a de dois brancos. [...] a diabólica tese de que *todos* os negros mentem, *todos* são, por princípio, imorais, que *nenhum* deles deve ser deixado perto de nossas mulheres, tese que podemos associar com mentes do calibre da deles. (LEE, 2020, p. 254)

Atticus é enfático ao declarar os estereótipos que as pessoas brancas utilizam na caracterização das pessoas negras, que o atual julgamento não era apenas sobre vítima e agressor, mas sim, sobre um branco acusando um negro. Atticus mostra que Tom não estava sendo condenado por um crime que não cometeu, mas também estava sendo condenado apenas por ser quem era.

Tom, no Tribunal de Justiça perante todos que estavam ali, já era desde o princípio o culpado, pois não era o primeiro negro a passar por isso, como afirma Atticus, que “[...] nos nossos tribunais, quando se trata da palavra de um branco contra a de um negro, o branco sempre vence. [...]” (LEE, 2020, p. 275), O racismo apresentado na obra foi o que condenou Tom e que libertou o jovem Radley de família rica e branca.

Para o caçula dos Radley, o tribunal tinha provas contra ele, e também foi pego em flagrante pelo oficial de justiça e denúncias de vários moradores da cidade, porém nem mesmo as pessoas tinham coragem de falar alguma coisa para a família dele e o mesmo nunca foi penalizado judicialmente. Diferentemente de Tom que foi oprimido desde o começo, junto com todos aqueles que tentavam o ajudar e o pior que Tom foi culpado por um crime que não cometeu.

3.1 Família finch

Atticus, Jem e Scout Finch eram membros de uma família branca e de boa condição financeira, como boa parte das famílias do condado. Entretanto, as atitudes e posturas defendidas por eles eram diferentes dos demais daquela região, diante do racismo e classe social. Atticus ensinava a seus filhos a tratar todas as pessoas da melhor forma possível, como descreve a passagem a seguir:

Atticus se levantou e foi até a beira da varanda. Quando acabou de examinar as glicínias, voltou para o meu lado.

- Em primeiro lugar, Scout – ele disse -, se aprender um truque simples, vai se relacionar melhor com todo o tipo de gente. Você só consegue entender uma pessoa de verdade quando vê as coisas do ponto de vista dela.

- É?

- Precisa se colocar no lugar dela e dar voltas. (LEE, 2020, p. 43)

Percebemos a presença da filosofia da alteridade quando ele diz, “que para se dar bem com qualquer tipo de gente, tem se colocar no lugar dela e dar voltas,” (LEE, 2020, p. 43). Entendemos que o outro sempre vai ser diferente, e que o eu não deve ser o principal e único, mas se colocar à disposição do outro no mesmo patamar sem distinção.

Os personagens adultos Calpúrnia e Atticus ensinaram durante toda a narrativa que ninguém deve ser discriminado ou penalizado por conta da cor de sua

pele, eles explicitavam que as pessoas deveriam ser julgadas por suas ações e não por sua cor ou classe social. Sobre educar, Gusmão (1999) diz o seguinte:

Educar, antes de mais nada, envolve interesses, dominação, exploração, revelando a existência do poder e seu exercício sobre indivíduos, grupos ou sociedade tidos como diferentes. Educar tem sido o meio pelo qual o diferente deve ser transformado em igual para que se possa submeter, dominar e explorar em nome de um modelo cultural que se acredita natural, universal e humano. (GUSMÃO, 1999, p. 43)

Assim, a pequena Scout e seu irmão mais velho Jem estavam crescendo e sendo instruídos a não ser iguais ao restante dos brancos daquela cidade e não se comportarem da mesma forma.

Nelson Mandela em seu livro *Longa caminhada até a liberdade*⁵ (1995), declara o seguinte: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou de sua origem, ou por sua religião. As pessoas aprenderam a odiar, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar...”⁶(p. 115; tradução nossa.). E a partir dessa perspectiva de Mandela, apontamos que Scout e Jem estava aprendendo sobre o Outro, sobre respeito e aceitação. Que da mesma forma que os maus hábitos podem ser ensinados os bons costumes também podem, principalmente quando se é sobre a luta pela liberdade.

Scout e Jem como crianças, escutavam a cada constante ensinamento de Atticus e Calpúrnia, e isso fazia com que enxergassem o mundo de forma diferente. Especificamente quando Tom, um homem negro é acusado de estupro, Scout e Jem perceberam que as acusações feitas contra ele eram mais fortes e que todo processo de julgamento era diferente dos demais, justamente por se tratar de uma pessoa negra.

Eles conseguiram perceber isso, apesar da pouca idade porque eles estavam aprendendo de acordo com que cresciam a respeitar a todos. Eram constantes as observações feitas por eles dois ao seu pai em respeito ao comportamento que os brancos tinham com os negros, e sobre isso Atticus diz o seguinte:

À medida que for crescendo, vai ver brancos enganando negros todos os dias, mas vou lhe dizer uma coisa e quero que nunca esqueça: sempre que

⁵ Long Walk to Freedom, título original em inglês.

⁶ “No one is born hating another person because of the color of his skin, or his background, or his religion. People must learn to hate, and if they can learn to hate, they can be taught to love...”

um branco faz esse tipo de coisa com um negro, não importa quem ele seja, quanto dinheiro tenha ou quão distinta seja a família da qual ele vem, esse homem branco não vale nada. (LEE, 2020, p. 275)

A partir das falas de seu pai, Scout e Jem iam amadurecendo gradualmente ao longo do romance sobre como tratar todas as pessoas afrodescendentes da mesma forma, e eles aprendem que todas as pessoas são importantes e que todos merecem ser tratados com justiça e igualdade.

A governanta Calpúrnica que era negra e trabalhava na casa dos Finch há muitos anos e todos da casa tinham um bom relacionamento com ela. Calpúrnica tinha como um de seus afazeres educar as crianças e nesses momentos falava a elas sobre respeitar a todos como são. Ela era livre para expressar sua opinião quando quisesse. Quando Scout é indelicada com um convidado, é Calpúrnica que a repreende:

– Cal,⁷ ele não é convidado, é só um Cunningham.
 – Não diz isso! Não interessa quem ele é, quem pisa aqui é convidado e não quer você criticando, toda cheia de coisa! Você pode ser melhor que os Cunningham, mas não é para ficar se achando superior. Se não sabe se comportar na mesa, vai comer na cozinha! (LEE, 2020, p. 37).

Ela não era tratada como as outras empregadas negras daquela cidade. Em um dia quando Alexandra é irmã de Atticus está visitando-os, sugere que ele demita Calpúrnica, a reação dele é a seguinte:

– Alexandra, Calpúrnica só sai desta casa quando quiser. Você pode discordar, mas eu não teria aguentado todos esses anos se não fosse ela. Ela faz parte desta família e você vai ter que aceitar como elas são. [...] – Além do mais, as crianças não foram nem um pouco prejudicadas por ela. Tentou criá-las com bom senso, que ela tem bastante. E tem mais: as crianças a amam. (LEE, 2020, p.172 e 173)

Calpúrnica estava totalmente inserida no contexto familiar e as crianças nunca presenciaram Atticus maltratando ou tratando Calpúrnica de uma forma que não fosse gentil, certamente isso contribuiu para que as crianças não se sentissem superior as pessoas negras.

A família Finch convivia em harmonia com os negros, não como iguais, pois não eram. Existem diferenças, são negros e brancos, ricos e pobres, patrão e empregados; entretanto as diferenças não são um problema, existe o respeito e cumplicidade. Um depende do outro e exercem um papel mútuo de ligação e troca.

⁷ Forma como Calpúrnica era chamada por Atticus e pelas crianças.

4 CONCLUSÃO

Nesse trabalho, ao analisar alteridade exposta na obra, a partir do comportamento dos membros da família Finch e Calpúrnia, percebemos que a intolerância racial é algo que deve ser combatido. Que por mais que o racismo estivesse enraizado nos moradores da cidade, existe a possibilidade de fazer a diferença e mudar.

Na alteridade analisada nesse trabalho foi observado que ela permitiu que toda voz seja ouvida e proficiente, todos tem algo a oferecer que permitirá ao ser humano evoluir. O eu é beneficiado com as diferenças do outro e vice-versa. É capaz de gerar um efeito benéfico, quando é deixado de lado a individualidade e a resistência em fundir os seus próprios mundos, a alteridade está em uma coletividade harmônica.

No enredo, a não ser pela exceção da personagem Calpúrnia, onde a sua voz era ouvida, os outros personagens negros não tinham a mesma oportunidade. Os negros não tinham direitos, Apesar de que a justiça emite o discurso de que todos são iguais perante a lei. As pessoas negras não tinham oportunidades, não tinham acesso a uma vida de dignidade. Isso faz uma ligação entre ficção e realidade, quando levado em consideração o período histórico de segregação racial quando a obra foi escrita.

O que chamou atenção foi todo o processo de aprendizagem pelo qual os personagens passam, principalmente as crianças. Como aponta Iturra (1989), “A criança é, então, o retrato mais que perfeito da realidade humana: o da sua reprodução como espécie e grupo e o de sua aprendizagem até o fim da vida, quando, pela morte, leva consigo parte do conhecimento que geriu durante a vida.” (ITURRA, 1989, p. 307). Que assim como o sol é para todos e todas, o respeito e a dignidade também são. Na obra foi demonstrado que as vidas negras importam, e que é necessário que isso seja ensinado incansavelmente para as novas gerações.

Atticus e Calpúrnia cresceram em um mundo contagiado pelo racismo com perspectivas diferentes. Atticus cresceu em um ambiente onde a branquitude é opressora e Calpúrnia cresceu onde as pessoas negras são oprimidas por causa da cor da pele e classe social. Atticus não seguiu por esse caminho de opressão e agora como adulto, toma como objetivo fazer que seus filhos sigam fazendo mesmo.

Atticus e Calpúrnia ajudam a criar um mundo diferente, que ainda quando crianças já começa a ter consequências otimistas. Scout e Jem representam um rompimento de comportamento que foi iniciado em Atticus. Calpúrnia para a sua comunidade ensina e os encoraja a nunca desistir de tentar construir um mundo melhor.

Conclui-se que, os preconceitos existentes podem ser frutos da não aceitação das diferenças do outro, de se construir muros ao invés de pontes, de temer ao invés de respeitar. De não entender que o outro não é igual ao eu. E a alteridade é essencial para entendermos isso na apresentada obra.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

GUSMÃO, Neusa. **Cadernos de pesquisas**. In: Linguagem, cultura e alteridade: imagem do outro. Rio de Janeiro, n. 107, p. 41-78, 1999.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Da existência ao infinito**: Ensaios sobre Emmanuel Lévinas. São Paulo: Loyola, 2006.

HOLANDA, Aurélio B. **Dicionário da língua portuguesa**. 6 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

ITURRA, R. **A Etnografia, memória da História**. In: BAPTISTA, F.O. et al. (coords.) Estudos em homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira. Portugal: Centro de Estudos de Etnologia, INIC, 1989.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna - BA: Via Litterarum, 2010.

LEE, Harper. **O sol é para todos**. 39ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

LEI QUE DEU FIM A SEGREGAÇÃO RACIAL NOS EUA COMPLETA 50 ANOS. **Ansa Brasil**, 2014. Disponível em: <http://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/mundo/noticias/2014/07/02/Lei-deu-fim-segregacao-racial-nos-EUA-completa-50-anos-7898046.html>. Acesso em: 26 de setembro de 2021.

MANDELA, Nelson. **Long to Walk to Freedom**. 1ª ed. Boston: Backday, 1995.

NETO, José; KOZICKI, Katya. **Do “eu” para o “outro”**: A alteridade como pressuposto para uma (re)significação dos direitos humanos. Revista da Faculdade de Direito – UFPR, Curitiba, n.47, 65-80, 2008.

WALKER, Alice. **A cor purpura**. 5ª ed. São Paulo: Marco Zero, 1986.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. In: *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000 (org. e trad.).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que, por meio do que eu acredito, me guiou e me deu forças para conseguir chegar até esse estágio da minha vida, onde espero continuar sempre progredindo. Minha eterna gratidão à minha mãe, Josefa Paulino do Nascimento, por todo apoio que me deu e por desde o princípio lutar sozinha por minha educação.

Gostaria de agradecer imensamente a todos os meus professores da graduação, por toda a sabedoria que compartilharam. Agradeço em especial aos professores: Jenison Alisson, Ana Carolina Costa, Auricélio Soares, João Paulo, José Vilian Manguiera e Clara Mayara, cada um foi extremamente importante nessa jornada.

Deixo aqui o meu muito obrigado aos meus amigos e colegas de graduação: José Laelson, Josiane Fernandes, Walquiria Cunha, Izilvânia Barbosa, Antônio Neto e Alice Camelo. Muito obrigado por todo o companheirismo.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho.